

Leitura epistemológica da evolução do pensamento geográfico na teoria social crítica

Epistemological reading of the evolution of geographical thinking in critical social theory

Crizan Graça de Souza¹
crizangraca@hotmail.com

José Aldemir de Oliveira²
jaldemir@ufam.edu.br

Geisilane Tavares de Oliveira³
geisi_lane@hotmail.com

Resumo:

O presente artigo faz uma leitura nos estudos de Harvey (2004), Milton Santos (2006) e Soja (1993), evidenciando a categoria Espaço enquanto, espacialidade, espaço-tempo e forma-conteúdo na reafirmação da teoria social crítica na configuração do dilema da pós-modernidade no pensamento geográfico. Para tal, o objetivo deste artigo foi analisar no conceito espaço a categoria já mencionadas e identificar sua importância no contexto atual. Diante do exposto, adentraremos na diversidade de conceitos e visões sobre o espaço geográfico e deleitar-se-á na forma, como foi visto nos demais momentos da ciência geográfica no seu processo de evolução. Assim, as relações espaciais foram se tornando cada vez mais contraditórias e muitas vezes de difícil entendimento, neste sentido o conceito de espaço se moldou, adaptou e veio a explicar tais contrariedades.

Palavras chave: Espaço, Espacialidade, Espaço-tempo, forma-conteúdo.

Abstract:

This article does a reading in the studies of Harvey (2004), Milton Santos (2006) and Soja (1993), demonstrating the category while Space, spatiality, space-time and content on reaffirmation of critical social theory in the configuration of the dilemma of Postmodernity in geographic thinking. To this end, the purpose of this article was to analyze the concept space the aforementioned category and identify your importance in the current context. On the exposed, we entered in the diversity of concepts and visions about the geographical space and will delight in the form, as was seen in the remaining time of geographical science in your process of evolution. Thus, the spatial relationships were becoming increasingly contradictory and often difficult to understand, in this sense the concept of space is shaped, adapted and came to explain such setbacks.

Keywords: space, Spatiality, Space-time, shape-contents.

¹ Mestrando pelo Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Amazonas e Pesquisador do NEPECAB

² Professor Titular do Departamento de Geografia da Universidade Federal do Amazonas e do Programa de Pós Graduação em Geografia. Líder do NEPECAB

³ Licenciada em Geografia no Centro de Estudos Superiores de Parintins (CESP-UEA)

INTRODUÇÃO

A construção do pensamento Geográfico no arcabouço epistemológico é desafiador para esta ciência. Nesse sentido, indicamos que o intuito do trabalho não abarque tamanho contorno de intenção, mais requer entender o espaço na contemporaneidade como categoria chave no pensamento geográfico. Assim, o tema proposto insere-se nas leituras da evolução da ciência geográfica, nas quais envolvem suas crises, seus paradigmas dos quais fazemos parte.

O artigo resulta das discussões proferidas na disciplina de epistemologia da Geografia desde o início do curso de pós-graduação turma 10 de 2016, perpassando por inúmeros momentos desta disciplina. Muitos dos temas envolvidos de cunho teórico que foram estudados, permitindo vivenciá-lo com mais afinco a compreensão do espaço e seus pressupostos na teoria social crítica na contemporaneidade. No início o problema, até apareceu mais óbvio da Geografia, mais esta questão, se incorpora desde a sua formação uma dicotomia no seu arcabouço enquanto ciência parcelar.

Porém as imprecisões conceituais epistemológicas, na trajetória histórica da Geografia criaram-se inúmeros movimentos que foram importantes para discutirem esses pressupostos epistemológicos da ciência geográfica como ciência, pois um deles surgiu com alguns filósofos expoentes do século passado com Martin Heidegger (1969), Jean-Paul Sartre (1997) e, mais atualmente, Gilles Deleuze e Félix Guattari (2005). Sob essas influências suas proposições de pesquisa em Geografia tinham sua afirmação que toda ciência só adquire identidade através da escolha de seu método (GOMES, 2005).

Neste sentido, atreladas às discussões dos emblemáticos debates paradigmáticos mais específicos do pensamento geográfico pela teoria social crítica, direcionando nossa reflexão nos estudos de Harvey (2004), Santos (2006) e Soja (1993). Ressaltando os pressupostos fundamentais desses autores, no interesse de encontrar o Espaço nos termos que os autores elencam como viés para apreender o conhecimento geográfico.

Assim, as leituras focou-se sua atenção na Espacialidade analisada por Edward Soja (1993), Compressão do Espaço-Tempo em David Harvey (2004) e a forma-conteúdo em Milton Santos (2006). Esta análise observou-se, que os três casos, se posicionam numa abordagem teórico-metodológicas na apreensão da epistemologia, que direcionam num viés ontológico, sendo, portanto, este trabalho ficando no campo epistemológico.

Deste modo, o trabalho está organizado da seguinte forma, o primeiro tópico de caráter introdutório, conectar o leitor a situar o conteúdo desenvolvido na evolução do pensamento geográfico a despeito do Espaço. O segundo tópico, se desdobrará nos argumentos apresentados nas três obras em destaque: Geografias pós-modernas de Soja (1993), Condição Pós Moderna de Harvey (2004) e A Natureza de Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção de Milton Santos (2006) na perspectiva de nortear as categorias descritas anteriormente.

Para tanto, a ligação das categorias discutida nas três obras, vem edificada com seu objeto, ou seja, o Espaço. Das quais ambos os autores no arcabouço de formular esta teoria social, tem como conceito o espaço, onde coabitam existem uma manifestação ontológica e de uma manifestação epistemológica, mais que aparecem sem uma concretude deixando em aberto o método, enriquecendo de certa forma as inquietudes inerentes a cada campo da ciência.

A EVOLUÇÃO DO ESPAÇO NO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

Os discursos em Geografia como do marxismo no ocidente quase sempre cruzaram-se depois de seu período formativo (SOJA, 1993), mas, de que formar explicar o espaço, a partir da espacialidade, espaço-tempo e da forma-conteúdo na teoria social crítica? Esta questão faz sentido, se, voltarmos no início formativo em Geografia e ancorarmos nos princípios formadores das bases epistemológicas que sustentam a definição como conceito chave no universo da Geografia no envolvimento entre as cinco categorias básicas das quais a ciência Geográfica estuda.

Uma das primeiras referências a tratar a definir o espaço foi Aristóteles, onde menciona o espaço a inexistência do vazio, ou seja, lugar de posição de um corpo entre os outros corpos. Nesta definição, Aristóteles trata o espaço sendo uma área preenchida de corpos, neste caso sua visão despreza a necessidade do homem como componente.

Para Aristóteles não basta que esta área esteja preenchida, é necessário que haja um referencial, outro corpo que dê ao primeiro uma localização. Progredindo um pouco no tempo Immanuel Kant no século XVIII deu importância às formas de sentido como instrumento de percepção. Para Kant, as coisas são dotadas de dimensões sensíveis, isto é, voltadas para a realidade espaciais no espaço e no tempo (KANT, 2001).

O esboço de espaço naquele momento, não era algo passível de percepção, mas permitia que houvesse sensibilidade dos fenômenos existente.

Nesta compreensão percebemos que Kant separa o espaço e os demais elementos; o primeiro seria um pano de fundo para se fixar os corpos. Suas considerações naquele período tiveram total importância no avanço dos estudos regionais, mas que possuía limitações, pois não percebia o espaço como algo constituído de significado ou como estrutura própria (KANT, 2001).

La Blache, um dos expoentes da escola francesa é muito importante na construção do pensamento geográfico, concebe o meio como sendo local onde coabita o diverso e que seria sinónimo de adaptação. Para La Blache a Geografia estudava os lugares não os homens, assim as análises de paisagem era feito pelo método descritivo e o espaço seria o local onde existe e acontece à coabitação do homem e natureza (CAPEL, 2012).

Capel (2012) evidencia nos estudos de Ratzel o espaço sendo influenciado pela política, na sua celebre definição de espaço conhecida como Espaço Vital, traduz exatamente a base indispensável para a vida do ser humano. Para ele o homem deve conquistar “espaços” à medida que o seu Espaço Vital tornar-se, limitado e insuficiente para sua sobrevivência, não apenas física, mas política e de dominação. O espaço geográfico para Ratzel é visto como base imprescindível para a vida do homem, encerrando as condições de trabalho, quer seja natural, quer seja aquilo produzido socialmente. Desta forma, o domínio do espaço transforma-se em um elemento crucial na história do homem.

Para Brunhes a geografia deveria estudar as regiões, os lugares e suas relações. Além da ação do homem no meio ele destaca quatro forças que atuam no planeta e formam um todo ordenado: as forças interiores da terra, o calor do sol, as forças ligadas aos movimentos atmosféricos e a tração centrípeta do peso (BRAGA, 2007).

Os princípios básicos da Geografia seriam a atividade e a conexão, que fornece o sentido dos lugares e das regiões. A evolução da paisagem terrestre seria feita por um movimento duplo de construção e reconstruções necessárias para a manutenção da harmonia. A interação desses fatores essenciais conformaria na organização do espaço, entendido como comunhão entre o convívio social e o meio através do trabalho e das trocas.

Hartshorne (1978) expõe que o termo espaço é empregado no sentido de área que seria somente um quadro intelectual do fenômeno, um conceito abstrato que não existe em realidade e que a área está relacionada aos fenômenos dentro dela e somente naquilo que ela os contém e em tais localizações. O espaço na visão de Hartshorne é o espaço absoluto, um conjunto de pontos que tem existência em si, sendo independente de qualquer coisa.

Na década de 70 Henri Lefebvre, realiza importantes estudos sobre o espaço geográfico que influenciou diversos autores. Para Lefebvre (1976) o Espaço é produção da sociedade, fruto da reprodução das relações sociais de produção em sua totalidade.

O autor aponta quatro abordagens do conceito de espaço: o espaço como forma pura; espaço como produto da sociedade; espaço como instrumento político e ideológico e o espaço socialmente produzido, apropriado e transformado pela sociedade. Nesta análise de espaço social Lefebvre (1976) destaca três vertentes: o espaço percebido, do corpo e da experiência corporal, ligado às práticas espaciais; espaço concebido ou espaço do poder dominante e da ideologia e espaço vivido que une experiência e cultura, corpo e imaginário de cada um de nós e o espaço como representação.

Na escola americana, o espaço ganha destaque nas pesquisas de Soja, apresentando a espacialidade como ponto central no amanhecer da pós-modernidade e Harvey com a compressão do espaço-tempo, grandes expoente do pensamento geográfico que tanto contribuíram na evolução das concepções Lefebvreas. No Brasil perpassa por Milton Santos, geógrafo renomado militante da teoria social crítica, argumenta nas suas discursões a forma-conteúdo que o espaço provoca ao ser construído pelas técnicas que envolve as possíveis dimensões de espaço.

A ESPACIALIDADE EM GEOGRAFIAS PÓS-MODERNAS DE EDWARD SOJA

No livro Geografias Pós-Modernas (1993), Edward Soja propõe como intenção principal, executar a espacialização nas narrativas históricas, que viesse agregar ao movimento ascendente uma revigorarão no pensamento para formular aspectos sociais da teoria social crítica, enviesado na concretude do espaço na busca de aparecer simultaneamente atrelado ao tempo nas análises dos elementos sociais dotando de tal seriedade epistêmica.

Soja (1993) inicia pensando num viés teórico para a teoria social numa premissa crítica, o autor enfatiza o espaço sendo capaz de estruturar e trazer respostas teóricas múltiplas para as questões suscitadas a priori. Deste modo, a categoria espaço norteia as análises de Soja, referindo-se à espacialidade como cunho social, resultando da reprodução e produção de um espaço concreto pela ação da sociedade.

A espacialidade é construída como núcleo central de explicação das variáveis que o espaço produzirá além de agregar uma dialética socioespacial na

edificação do materialismo, que seria geográfico e histórico. Soja argumenta que o olhar da ciência física de dominador, deixou por vezes, sucumbir à existência da organização espacial do espaço como produto das relações sociais.

Neste sentido a análise do autor identifica que o espaço apresenta um instrumento frente ao tempo no que tange ao objeto respeitando suas essenciais como instrumento da ação da sociedade. Os importantes desdobramentos para essa postura foi à Comuna de Paris após sua queda que reafirmou ainda mais, a evolução da modernização do capitalismo em sua etapa de desenvolvimento. Neste período o espaço para Soja (1993), se sucumbiu diante do tempo, ascendendo de certo modo um historicismo ambíguo. Isto aconteceu em decorrência da valorização e na despolitização do espaço pelos agentes modeladores do espaço, que impediu a ascensão do objeto de discussão que viesse atender a uma prática espacial inovadora de cunho libertário.

O discurso do pós-modernismo segundo Soja se constitui de conceitos que convergem para algumas indefinições de coerência, na colocação do autor a consistência de o espaço reascender esse papel de articulador para um novo patamar de análise, num desenvolvimento mais amplo de discussão cultural, econômica, políticas e teóricas. Esta categoria agregar nas demais instâncias do conhecimento constitui, isto é, expressa o pensamento de Soja, numa ruptura em torno do pensamento da ciência moderna moderno, chegando está definição muito próxima de outro americano chamado David Harvey.

A retomada do espaço dentro do projeto de soja contempla a afirmação da teoria social crítica é medida que incorpora a espacialidade como ação da relação humana partindo de um pressuposto indispensável na apreensão de uma dimensão epistemológica do espaço enviesado nas relações sociais, dos quais podemos citar:

[...] Levar o espaço a sério exige uma desconstrução e uma reconstituição muito mais profundas do pensamento e da análise críticos, em todos os níveis de abstração, inclusive a ontologia. Sobretudo a ontologia, talvez, por ser nesse nível fundamental de discussão existencial que as distorções desespacializantes do historicismo se ancoram com mais firmeza. (SOJA, p. 14. 1993).

Soja crítica firmemente o posicionamento do materialismo e do idealismo como correntes de pensamento científico, que sofreram de míopismos sobre o espaço. Para tal, o materialismo atribuiu ao espaço uma ilusão da opacidade, neste sentido, Soja reconhece que na visão materialista somente percebe a superfície dos objetos, ou seja, o formato da matéria e que apenas serve como

alternativa de mensuração e descrição de um fenômeno seria nesse sentido, “fixas, mortas e não-dialéticas a cartografia cartesiana da ciência espacial” (SOJA, 1993, p.14). No segundo, o idealismo transmitia uma falsa ilusão da transparência onde privilegiava as prerrogativas da intuição e a construção de uma representação de idealizar o espaço não sendo reconhecido pela produção social concretas em consonância com a realização das relações sociais derivadas da espacialidade.

Ambas as correntes mencionadas trouxeram para centro dos debates duas ilusões apresentadas à transparência e a opacidade conduzido por inúmeras distorções de não espacialidade que Soja foi oposição. Neste sentido, o autor sustenta um pensamento que traduz seu posicionamento na busca de um reconhecimento de ir ao encontro dos estudos ontológicos para a discussão da epistemologia do espaço.

A COMPRESSÃO DO ESPAÇO-TEMPO EM DAVID HARVEY

Em seu livro *Condição Pós Moderna*, Harvey (2004) observa as mudanças que ocorreram nas atividades culturais, no avanço do sistema de informação, na dilaceração política e a expansão contínua das economias global a partir da década 1970 do século passado, ligado aos novos modos de produção que culminou no chamado capitalismo flexível do qual tempo e o espaço são comprimidos em meros atores de reprodução. Dentro desta ótica, a categoria utilizada em sua obra revelou esse processo de globalização, pela qual se produzem as formas do espaço e as imagens do tempo, assim o chamou de *Compressão do Tempo-Espaço*, galgando o melhor caminho para encontrar o entendimento da atualidade na sua totalidade, no campo da ciência geográfica Harvey (2004).

Pensar compressão do espaço-tempo de Harvey é vivenciar a atual realidade na perspectiva da inseparabilidade de tempo-espaço, atrelados aos avanços tecnológicos, mas que ecoa de certa maneira mudanças do cotidiano e ascende uma representatividade do tempo no mundo, por essa razão o estudo de Harvey ajuda-nos a identificarmos as coexistências e as superposições no espaço. Isto sustenta a nosso ver um sentido novo, adotado das novas relações sociais que são caracterizadas como posse do movimento da pós-modernidade.

Harvey (2004) sinaliza em duas importantes questões como sendo o foco central para este desdobramento conceitual. O primeiro corresponde às novas relações espaço-temporais que revelam a compressão do tempo-espaço na contemporaneidade da pós-modernidade tendo consigo o envolvimento das dimensões essenciais da existência social; o segundo busca identificar as mudanças que implicam no significado da natureza e, ao mesmo tempo indica novas propriedades de formação do ser do/no espaço.

Para ilustrar esta nova fase de mudanças que ocorreu nas relações da sociedade Harvey utiliza o pós-moderno como termo que marca a transição de algumas ideias que serão praticadas nesta nova fase da modernidade, pois inova no seu marco utilizando a possibilidade de um novo desdobramento para a condução histórica do mundo. Assim também possibilitou em outra realidade demonstrada o termo não poderá representar nenhuma instituição designando, por exemplo, uma sociedade pós-capitalista e a outra pós-industrial, mais serve como um marco de inúmeras mudanças no contexto global.

Harvey imaginava que o termo pós-moderno, seria o contraponto do moderno e, principalmente fazendo comparação na tentativa de compreender “[...] a fragmentação, a indeterminação e a intensa desconfiança de todos os discursos universais ou (para usar um termo favorito) totalizantes são o marco do pensamento pós-moderno”, (HARVEY, 2004, p. 19).

De acordo com Harvey, todas as discussões apreendida no pós-modernismo ditas como novas, vem das ideias desenvolvida pelo filósofo Tomas Kuhn, que desempenhou grandes obras na filosofia da ciência, com destaque para Foucault no processo de descontinuidade e diferença, sem esquecer-se dentre outros fatores, pois sugerem uma ampla modificação na configuração do emocional, das quais, para o autor a mesma possibilita ser analisada com mais profundidade. Esta visão do autor nos leva a uma preocupação circunscrita na formulação do conhecimento de raiz empírica e racional, uma vez que, incorporará certa, quantia de subjetividade na investigação da ontologia ou seguindo no sentido de ir ao encontro do aparecimento das mudanças da pós-modernidade.

A base da modernidade, foi uma frente dos esforços dos inúmeros intelectuais que foram ligados ao período Iluminista, foi nesse período que a ciência se firmou como objetiva e estruturada nas leis universais na tentativa de explicar os fenômenos naturais. A partir dessa época apresentada evidencia-se o

comando científico nos estudos da natureza servia como garantia de sobrevivência aos desafios que antiguidade apresentava pela escassez de certos elementos que ainda não tinha sido alcançado, assim como de não possuir a capacidade de prevenir a imprevisibilidade da natureza e seus fenômenos catastróficos. A racionalidade do conhecimento da época seguia uma tendência de liberdade fundamentada nos mitos, na religião, nas crenças que os mesmos influenciavam, além de conceber a própria natureza humana como um elemento destes conjuntos de ações.

A FORMA-CONTEÚDO NA OBRA DE MILTON SANTOS

Na obra *A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção*, de Milton Santos, o autor apresenta um relevante propósito da atualidade no que tange a constituição de um sistema de ideias que auxilia na discussão do balizamento da descrição quanto de explicação para entender o espaço na ciência geográfica, este aspecto permite criar um sistema que seja coerente na formulação deste campo da ciência.

Nesta obra sua atenção primordial é a introdução das discussões quanto ao objeto de análise da Geografia, para o autor era e, é essencial que uma disciplina tenha um corpo subordinado ao seu objeto, desta forma, a mesma poderia ser pautada na relativa apreensão do espaço como sendo este objeto. Para acontecer, é preciso levar em consideração a inquietação ontológica com intuito de contribuir na identificação da natureza dos espaços, na premissa de colocar em análise as categorias que poderão servir para analisar.

Neste contexto de mudanças, Milton Santos também se encarrega de pensar no campo da epistemologia um ensaio para consolidar o objeto da Geografia, tendo seu condutor principal o espaço, na qual o autor adquire para se o propósito de naquele momento da importância de recorrer ao objeto da ontologia, na consideração de realçar a natureza do espaço como conceito na prerrogativa da forma-conteúdo da ação humana.

Milton Santos retrata no curso de sua obra insatisfações, quanto à adesão de espaço-tempo unido, uma vez que, na maioria das vezes estes aparecem separados, este fato, é duramente criticado por ele. Assim também o descontentamento é tratado pela Geografia no período atual, por esta ligada muito mais a uma abordagem com aspectos de adjetivais e metafóricos, do que

com abordagem epistemológica. Isto para Santos (2006) não colabora em nada na constituinte dos conceitos que, são extraídos da realidade, pois, esta realidade é organizada em um sistema coerentemente produtivo na construção do espaço como um objeto analítico autônomo no conjunto da ciência geográfica, bem como, do conhecimento geográfico.

A seriedade levantada na concretude deste sistema para a consolidação da ciência social crítica, Milton Santos (2004), começa a elencar a constituição da base do espaço que deve ser definido “como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e de ações”. Diante desta relevante contribuição, devem-se reconhecer as oportunas categorias que analisam internamente o espaço como: A paisagem, a configuração territorial, a divisão territorial do trabalho, o espaço produzido ou produtivo, as rugosidades e as formas-conteúdo.

Estas categorias de análise internas do espaço são identificadas por meio do reconhecimento de alguns processos originários externamente ao espaço, dos quais Santos menciona: “A técnica, a ação, os objetos, a norma, e os eventos, a universalidade, e a particularidade, a totalidade e totalização, a temporalização e a temporalidade, a idealização e a objetivação, os símbolos e a ideologia. O Lugar, a região, as redes e as escalas explicam as formas do recorte espacial” (SANTOS 2006. p. 13).

Percebe-se nas análises de Milton Santos, uma chamada em busca de reunir todas as categorias internas e processos externos num sistema, onde prevaleça a reflexão da ontologia ou do conteúdo existencial de espaço, ou seja, extrair o que lhe é intrínseco. Estas categorias externamente são passíveis de serem trabalhadas em outros campos do conhecimento, no campo de atuação da Geografia este serviria para o entendimento do espaço e das categorias analíticas internas.

Santos (2006) distinguem estas duas categorias analíticas internas e externas, que são dotadas de propriedades particulares que irão moldar em forma-conteúdo seu estudo. Desta forma, o autor pondera que a técnica seria a centralidade capaz de juntar ambas as categorias. A técnica é originariamente externa ao espaço, vista filosoficamente, a partir de um olhar totalizador de um fenômeno complexo que assume o poder de coerência internamente e externamente.

O livro em sua primeira parte busca essencialmente compreender como seriam para Milton Santos as categorias e os processos fundadores da ontologia

do espaço. Nessas condições observadas pode-se dizer que a técnica assumiu um importante destaque na constituição na forma de estudar a relação da sociedade e o meio, para tal, “as técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais, com os quais o homem realiza sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaço [...]” (SANTOS, 2006, p.29).

Segundo Santos (2004) as análises dos fenômenos técnicos são fundamentais para explicar a dinâmica espacial de um lugar ou região. Por tanto, a definição de espaço deve compor “um sistema de objetos e um sistema de ações”, levando em consideração as mudanças que ocorreram na produção das técnicas que interferem no nível dos objetos produzidos, e uma maior sofisticação nos produtos, bem como nos níveis de ações, instrumentalizadas racionalmente, permitindo o Espaço mudar constantemente no processo de totalidade/totalização.

Ressalta-se que a análise da técnica proposta por Santos em seu estudo, não propõe estudar a técnica isoladamente ou particulares, Portanto, haveria a possibilidade de se chegar a uma finalidade e atingir um resultado específico. Sua abordagem principal é de encontrar a existência de um fenômeno técnico, que abarcasse todas as aparições, além da inclusão das ações sociais. O reconhecimento só possível mediante a partir deste sistema agregando um conjunto de técnicas do passado e presente, que, todavia contribuiu para uma adequação do território movido num modo desigual e combinado de seus agentes. Neste sentido, só será possível apreender a noção de espaço geográfico dentro desta perspectiva segundo Santos.

Nota-se que os objetos técnicos são produzidos de modo diferenciado entre as frações dos territórios, observa-se, nesse sentido o desenvolvimento do território produzido de forma desigual e de forma combinada. As heterogeneidades dos objetos técnicos onde são produzidos se perpetuam justamente pela forma como eles foram implantados na história, no território, no tempo e no espaço.

O contexto da contemporaneidade vem colaborando para este quadro, mostrando, hoje, a evolução da ciência que se acelera a partir dos objetos produzidos na incessante busca de extrair um alto grau de sofisticação, especialização e uma intensa internacionalização dos flagrantos que são estabelecidos nesses projetos. Essa intencionalidade inerente aos motivos pelos quais se manifesta espacialmente.

O espaço segundo Santos pode determinar os objetos que se organizam e são utilizados segundo uma lógica espacial relativo a cada espaço-tempo determinado. O espaço na sua essência redefine os objetos técnicos na proporcionalidade de sua inserção no meio dinâmico mostrando a presença de diferentes objetos realizando seu processo no meio, de uma forma combinada e particular. Estas particularidades assumida com o meio envolve-se numa relação de forma dinâmica segmentadas pela combinação dos sistemas técnicos de idades e voltas diferenciados ao longo do tempo que transferem consequências ao modo de vida de uma determinada área.

A existência dos sistemas técnicos em um lugar é compartilhada pelas ações da sociedade que se efetivam no espaço, nesse sentido, as técnicas são parte integrante dos fundamentos ontológicos do Espaço, segundo (SANTOS, 2004). Nesse âmbito das discussões o autor apresenta a técnica como dominante, e uniu um conjunto de categorias que se configura na validação de sua proposta, tendo em vista o impedimento dos resíduos do passado na difusão do novo, que dificultam as ações simultâneas destes dois pólos de transformar o território. Os objetos criados no passado, de um sistema técnico que já foi superado ganham o nome de rugosidade, que significa:

As rugosidades não podem ser apenas encaradas como heranças físicas- territoriais, mas também como heranças socioterritoriais ou sociogeográficas [...]. O valor de um dado elemento do espaço, seja ele o objeto técnico mais concreto ou mais performante, é dado pelo conjunto da sociedade, e se exprime através da realidade do espaço em que se encaixou. Na medida em que é um componente do sistema técnico que se tornou velho (SANTOS, 2006, p. 43).

Nesta noção de rugosidade que está na origem do pensamento de Santos advém da concepção do prático-inerte da proposta de (SARTRE 1997 citado por SANTOS, 2006), vista como uma herança do processo das relações sociais, esta prática era depositada nos objetos que lhe dá novas condições práticas. Esta propositura de Santos infere-se acerca de duas questões pontuais: A primeira esta relacionada de que maneira a categoria de espaço contribuirá para o entendimento do fenômeno técnico, e a segunda refere-se de que modo o fenômeno técnico atuará na produção e transformação do espaço geográfico. A iniciativa de reunir as categorias em um sistema para compreender o espaço e o fenômeno técnico é fundamental para o campo interpretativo, a partir das contribuições recíprocas à conceituação de cada qual.

Para Santos (2006) a técnica isoladamente não explicaria nada é preciso que ela esteja inserida numa dinâmica dos processos que envolvem as categorias do sistema de uma determinada realidade na incumbência de garantir um volume explicativo muito mais amplo, pois o valor relativo é considerado para Santos como valor, nesta explicação o valor conferido adquire um lugar no seio da sociedade que a acolheu. O motor desta iniciativa é o descaso da ignorância dos traços de adesão do fenômeno técnico e do espaço, o não entendimento desta expressão para o autor limitaria o campo de atuação da geografia nas discussões epistemológicas de seu objeto, como podemos ver a seguir:

De um modo geral, é por falta de uma epistemologia, claramente expressa, que a própria geografia tem dificuldade para participar em um debate filosófico e interdisciplinar. Ao nosso ver, essa é a razão pela qual especialistas de outras disciplinas, não sabendo o que fazem exatamente os geógrafos, renunciam a incluí-los nos seus próprios debates. O que faz falta, aliás, seria uma metadisciplina da geografia, que se inspire na técnica: na técnica, isto é, no fenômeno técnico e não nas técnicas, na tecnologia (SANTOS, 2006, p.47).

Esta confirmação de preocupação epistêmica na Geografia ocorrerá para além do seu objeto particular, o espaço, o desafio é propor uma metadisciplina que desenvolva uma construção da realidade em sua totalidade, uma definição que inspire a delimitação do corpo teórico que seja capaz de caracterizar a natureza do espaço, argumentos da real relevância para a ciência geográfica. O conteúdo técnico como vimos, admite que a natureza do Espaço, tenha essência e conteúdo e que não as confundem.

A técnica aplicada nas formas dos objetos revela uma história que pode ser do tempo de sua criação ou do momento em que se insere num quadro de vida. Sendo assim, a história da unidade de tempo e espaço pode ser diagnosticada mediante a história das técnicas, que para Santos corresponde a uma história local e uma história geral.

Mediante a tais reflexões Milton Santos considera que só a técnica poderá superar a difícil relação que existe entre espaço e tempo, esta proeminência é marcada pelo tempo frente ao espaço, assim como Edward Soja firmemente mencionou, bem como David Harvey buscou unir os dois termos sucumbindo o espaço pelo tempo. Diante desta realidade que a técnica produz fica evidente o papel desta na elaboração de uma geografia e seus pressupostos de uma ciência histórica.

A abordagem geográfica sempre teve dificuldades nas análises do tempo, daí a necessidade de se construir uma noção de tempo espacial proposto por

Santos em (1978). Segundo ele esta noção, contemplaria a relação entre duas categorias que seria realizada através das periodizações, pressuposto por Santos, e o ponto crítico por entender que assim só a partir destas duas apreensões do tempo externo contemplaria os subespaços. Neste sentido, para produzir um conceito coerente que una as categorias do tempo e do espaço, faz-se necessário igualar ambos, proceder segundo parâmetros comparáveis.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Repetimos nossa afirmativa inicial ao dizer que trabalhar o tema de epistemologia na geografia não é uma tarefa simples, especialmente pela noção de espaço como relação externa ao homem. Por isso acreditamos que nosso propósito é necessário, na busca de refletir o sentido e o significado existencial do homem-no-mundo, de modo que percebermos a relação entre homem, espaço e tempo em termos do ser geográfico.

Todas as construções científicas buscam o conhecimento e, este não pode ser reduzido, não se acaba no ato analítico que se impõe às ciências e seus específicos objetos. Dessa forma, propôs uma ideia de relativização entre o homem e a natureza, evidenciada pela paisagem, possibilitando a visão do homem como um ser ativo, que sofre a influência do meio, mas atua sobre o mesmo com maior autonomia de transformação. Em um novo tempo das ciências, a Geografia deverá buscar seu lugar na construção de um ponto comum entre as diferentes áreas do saber.

Embasada nos autores sobre epistemologia coloca-se também sobre a Geografia crítica evocava pelas questões de transformação social, de repensar as questões de classe, visando consolidar respostas às questões epistemológicas que apareciam em lacunas na Geografia. E como isso manteve a Geografia no centro de inúmeras críticas, condenada por viver de migalhas de outras ciências e por implorar arranjos sistemáticos que lhe significassem sua forma, é o que a coloca no centro dessa mudança epistêmica das ciências junto aos sistemas técnicos como uma existência num lugar onde as ações humanas são vistas como um fundamento ontológico do Espaço como uma técnica dominante da epistemologia da Geografia moderna.

Perceber-se que a ontologia permeou as intenções epistemológicas de vários autores que aqui mencionamos. Realidade presente tanto em Santos, Harvey e Soja, como em autores clássicos, tal como em La Blache, Brunhes,

Hartshore, Lefebvre e mais recentes com Silva, Morais, Moreira e Martins (BETETI, 2007). Pois revela uma busca de encontrar um objeto para compreender o espaço, um papel assumido pela ontologia que agrega fundamentos da discussão da epistemologia íntegra daquilo que Heidegger apresenta como um dos problemas na apreensão do ser, de um caráter de universalidade que muitas vezes assume. Portanto é uma das formas de resgatar o aspecto mais original do significado do ser, para então tornar a sua compreensão mais concreta, apresentada como sinônimos: o viver, o surgir e o permanecer.

REFERÊNCIAS

- BITETI, Marilene de Oliveira. **Uma reflexão sobre o tema da Ontologia na Geografia**. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense – Rio de Janeiro, 2007.
- BRAGA, Rhalf M. **O espaço geográfico: um esforço de definição**. São Paulo: Geosp, 2007.
- CAPEL, Horacio. El positivismo y la geografía. In: **Filosofía y ciência em la geografía contemporánea**. Barcelona: Ediciones del Serbal, 2012.
- HARTSHORNE, Richard. **Propósitos e Natureza da Geografia**. São Paulo: Hucitec-EDUSP, 1978.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna (Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural)**. São Paulo: 17ª Edições Loyola, 2008.
- KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. 5º edição: Trad. Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- OLIVEIRA, José Aldemir de. Aula 2-Parte III: **Geografia Clássica: pressupostos, princípios e métodos**. Manaus-AM, 2016.
- OLIVEIRA, José Aldemir de. Aula 5- Parte III: **Teoria e método na Geografia Contemporânea: as “novas geografias”**. Manaus-AM, 2016.
- SANTOS, Milton. **Por Uma Geografia Nova. Da crítica da geografia a uma crítica geográfica**. São Paulo: EDUSP/Editora Hucitec, 1978.
- _____. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.
- SOJA, Edward. **Geografias Pós-Modernas (A reafirmação do espaço na teoria social crítica)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

*Artigo recebido em 14 de novembro de 2016
Avaliado em 02 de abril de 2017
Aceito em 16 de abril de 2017
Publicado em 15 de maio de 2017*